



SOFIA RODRIGUES GABRIEL

O VALE DAS SOMBRAS



1

Às badaladas para a missa das três, Luís Viriato tombou no chão da igreja no preciso momento em que choveram libelinas na Praça.

Não tivessem os santos tremido nos altares e ninguém se teria apercebido ou o teria acudido. Luís Viriato era muito discreto e, quando se atrasava, tomava o seu lugar no banco mais escondido do corredor lateral. Um pé dentro, outro fora. Deus Nosso Senhor não se importaria tanto com a *matéria* presente, ao contrário de Serena Viriato, sua mãe, a quem os atrasos e faltas às homilias causavam náuseas e fragilidades imperdoáveis. Aliás, mesmo naquele início dos anos oitenta, lá em casa assistia-se à missa das três, ao terceiro dia de cada mês para lembrar e agradecer o regresso do pai Viriato das lutas sobre o mar. São e salvo. A um terceiro dia de calendário também. Serena Viriato assim o fizera prometer ao filho, às portas de uma quase-morte por bronquite asmática. A presença

assídua do filho na casa do Senhor perdoaria, com certeza, condutas menos católicas da família Viriato. *Daí à salvação eterna... uma questão de tempo apenas!*

* * *

Luís Viriato abria as goelas pela primeira vez num dia de um Maio tão quente que a parteira não teve tarefa fácil, pois o suor que lhe escorria pela face escondia a mãe, o filho e a tesoura de mestra que cortaria para sempre a ligação de Luís Viriato ao berço quente materno.

Compleudara já 23 anos, mas o tio velho, Adriano das Dores, oferecia ainda chocolates ao «garoto», quando, na Praça, se cruzava com ele.

* * *

Também Mariana Silveira partira no regional para Lisboa nessa exacta hora, mas só muito mais tarde os factos viriam a ser lembrados e vasculhados por Sara Viriato, em busca das suas raízes.

* * *

Luís Viriato, quase mudo, estendido e oscilante no chão da igreja.

A primeira libelinha caiu silenciosa no beiral do fontanário, mas o grupo que se seguiu foi bem mais turbulento e inconveniente.

Uns segundos adiante, quando o padre Moraes – carregando Luís Viriato em braços e pontapeando a porta do sacro edifício – surgiu nas ruas, uma torrente de libélulas inundou

o lugar. Não que alguém esquecesse as pragas, o bicho do pinheiro, a invasão da lagarta da couve... Mas, uma tempestade de insectos zangados sobre aquela vila perdida no tempo?

O padre Moraes assistiu ao acontecimento, sem conseguir escapar às criaturas irrequietas.

Por momentos, Luís Viriato, estremecendo, zumbiu sussurros imperceptíveis e há quem diga tê-lo ouvido murmurar «Mariana»... (esperada, em vão, à porta da igreja nessa tarde)...

A partir desse dia, a boca de Luís Viriato pouco se abria para falar, zumbir ou segredar um único «ai». Nada sobre os seus sonhos, muito menos sobre as suas expectativas. Só os passos indomáveis do destino revelariam as palavras que Luís Viriato esconderia a vida toda.

* * *

Mariana Silveira viria a ouvir sobre o tumulto em Vale das Sombras muito mais tarde. Perfeitamente adaptada ao ritmo estonteante da capital, não chegou a encontrar (embora as más línguas dissessem que nunca o procurara) o seu tio Armino, cujas ligações ao desembarque dos tanques no Carmo em Abril deram muito que falar.

2

Luís Viriato não tinha feições primorosas, mas a sua estrutura atlética (como a do pai), com porte gracioso e sorriso desorientador, faziam dele o homem mais desejável de Vale das Sombras.

O pai de Luís Viriato – Aurélio Viriato – prometera, em miúdo, fugir ao fado ao qual os seus irmãos, os seus tios, os seus avós e os avós dos seus avós não haviam escapado. O canto das sereias, o sargaço viscoso, a solidão dos pastos açorianos e o hálito do mar e da névoa insular.

A miséria extrema em que vivera – rodeando de brechas a esperança e o barraco onde dormia aninhado aos irmãos e criava monólogos surdos que entretinham o frio das suas madrugadas – não era nada, perto da pobreza de *amor*. Aquela palavra estranha que parecia fazer sentido apenas nas histórias longínquas da *ti Zulmira*. Ou nos sermões dos padres que desciam à vila e exigiam a esmola dominical em troca do

amor dos santos.

E um dia, por altura da sua primeira e única viagem ao Continente, não foi difícil *largar* tudo, por amor, o *amor*. Bruto e primitivo. A sua deusa vivia algures no interior, chamava-se Serena e tinha boca e olhos de mel. Aurélio Viriato foi parar a Vale das Sombras corria o ano de 1954. As amargas recordações açorianas atenuaram-se, embora as suaves cantigas matinais das suas irmãs o acordassem nas noites de sono desperto.

Ainda Aurélio Viriato dedicava o corpo ao mar e aos ventos, antes de conseguir um posto térreo na Cooperativa Agrícola de Vale das Sombras, nascia Luís Viriato, de olhos muito abertos, coberto de penugem fina, mãos cerradas, que só se abriram em alturas de agarrar com sofreguidão o peito de Serena Viriato.

A luta contra as reminiscências da fome de Aurélio Viriato ganhou corpo nos braços papudos, na barriga proeminente e nas bochechas gordas e lustrosas do seu filho.

Serena Viriato, mais comedida e menos sofrida, tentava a todo o custo moderar a dieta hipercalórica de Luís, que aos dez anos pesava quase tanto como um rapaz de quinze.

Aurélio Viriato, pelo contrário, via no peso do filho a vitória sobre a pobreza que lhe consumira uma infância sem doces ou brinquedos, nem domingos de jogos ao eixo no adro.

Felizmente, o primeiro pêlo na venta de Luís Viriato trouxe também um tal desequilíbrio hormonal que a obesidade ficou trancada no armário, ao lado de caixas de caramelos por abrir.

* * *

Serena Viriato, nascida e criada em Vale das Sombras, aos

17 anos já vestia grande parte da população feminina do Vale e arredores, com a moda do pós-guerra. Da *Europa* distante chegavam as revistas e os catálogos, que descarregavam na imaginação de Serena as últimas tendências glamourosas dos estilistas franceses.

As saias rodadas com cintura marcada eram, talvez, as únicas contestações visíveis ao marasmo reinante no Vale e na nação, por obra e graça de sua Excelência, o Senhor Presidente do Conselho.

Em 1954, a guerra franco-argelina começava, Catarina Eufémia morria nos campos alentejanos e Serena Viriato teve o primeiro de muitos acessos asmáticos, que se perpetuariam na sua vida e nas recordações menos felizes de Luís Viriato.

Apesar de vanguardista no mundo dos tecidos, Serena era devota a Deus, aos Santos, às Nossas Senhoras e aos padres. Casou com Aurélio – um homem bem moldado, de dentes brancos como neve, com um enigmático e sedutor sotaque insular – por *imposição natural do desígnio divino da procriação*, a par de alguma paixão contida.

Por sua vez, a Aurélio Viriato, o casamento traria o tão desejado afastamento das ilhas.

3

Mariana nasceu branca e luminosa, como uma lua em noites transparentes, no Verão do ano de 1964, enquanto seu pai, João Silveira, dormia ao relento numa tenda bafienta; na família havia a crença (também chamada de «casmurrice ancestral») de que um nascimento só vingaria se velado por mulheres. E só mulherio sob os tectos e dentro de portas.

Por isso, João Silveira, que *condescendia* aos chás e confraternizações femininas (que sua mulher – Leonor Silveira – se habituara a organizar na recém-abandonada Londres), procurou a tenda no sótão, mais as suas botas de camurça de coelho e rumou solitário ao lameiro da casa.

* * *

Leonor Silveira fora, em tempos não muito distantes, acérrima defensora da crença nos *sentidos adivinhatórios femininos*. A simbologia das religiões primitivas, as fases lunares,

a importância das sociedades matriarcais (ao longo do tempo perdida)... Advogava a mulher, em todas as suas expressões e identidades: a mãe, a esposa, a amante, a irmã e todas as Marias leais e verdadeiras guardiãs duma sabedoria secular. Coleccionava esculturas femininas, sem feições, de estatura baixa e ventre inchado, *deusas-mães* aos pontapés, que enchiam caixotes, prateleiras e acumulavam pó e existência.

Ao longo do tempo, Leonor deixaria de as valorizar, trocando-as por muitas *Vénus de Milo* em carne e osso que gostavam de chá e lhe desarrumavam a casa e os sentidos. *Ponderavam* sobre moda, política, família e ética, numa sociedade patriarcal duradoura.

* * *

Nessa noite enluarada, Mariana Silveira aconchegou-se aos lençóis húmidos e aos braços corpulentos de Beatriz, a parteira-confidente da vila, enquanto Leonor adormecia para o lado dos sonhos que lhe dava mais jeito.

Mariana herdara o cabelo claro, a tez transparente, o corpo pequeno e esguio e os jeitos endeusados de sua mãe. A grandeza dos seus olhos escuros, o nariz e o feitio seguiam à risca os traços de João Hewson Silveira e da sua avó paterna – uma inglesa de gema que roubou o coração lusitano ao pai de João, não se sabe muito bem em que circunstâncias.

* * *

Mariana era uma criança feliz, já de si solitária.

Tinha aprendido a caminhar entre os convívios sociais da mãe, ao modo britânico e vindos de um passado londrino muito recente... recordações que doíam a Leonor Silveira quando o gin-tónico começava a intrrometer-se na leveza das suas pernas.

Para sermos justos, há que dizer que João e Leonor Silveira regressaram a Vale das Sombras por livre arbítrio e por causa dos nós invisíveis que a terra ata ao coração dos mais desprevenidos.

Não seria indiferente, também, a questão *ético-profissional* contra a qual João Silveira se defrontava na escola de ensino económico onde leccionava, em plena Fleet Street... lado a lado com a Catedral de São Paulo. Hewson coabitava, desde estudante, entre pressupostos político-económicos contraditórios que o feriam de insónias e loucura. Passava longas horas de rosto encostado ao vidro mudo da sala, percorria os limites do tapete persa vezes sem conta e mantinha acesos diálogos com diferentes personagens todos os serões.

«Ora seja bem aparecido, meu caro Eça. Fale-me das suas viagens... um mundo extraordinário o Egipto... digo eu... e Antero, como vai?». Deleitava-se com a incansável capacidade de raciocínio de Henrique VIII, não obstante a frieza da sua postura o perturbasse... e admirava a beleza delicada daquela jovem que tinha por hábito sentar-se no braço da poltrona. Reconheceu essa face, posteriormente, num retrato a óleo da sua bisavó paterna.

Como professor de uma disciplina sobre os factos históricos económicos determinantes (uma das áreas em que se

especializara, complementar ao curso geral de História), não lhe era nada indiferente o modelo capitalista que a instituição parecia querer *patrocinar*, principalmente num país ainda à sombra da memória de uma guerra dramática e literalmente destrutiva, de um pós-guerra doloroso e de uma sequente crise generalizada e sem fronteiras.

Viveram-se, depois, tempos de abundância crescente, é certo.

As teorias neoliberais só vingariam mais tarde. Despontaria o ataque duro e seco ao intervencionismo estatal e às teses keynesianas que o defendiam. Sobreviria a reimplantação das ideias de *ajuste natural da economia e dos seus recursos*, mesmo que o início do século XXI as viesse a questionar, pois a história é circular e os erros voltam a repetir-se.

No seu país de origem, os ensinamentos não seriam outros talvez, mas João Silveira fora convidado para ensinar uma disciplina de História na Universidade do Porto bem mais *legítima e merecida*: a universalidade da História da Antiguidade e da cultura clássica. Hewson sabia-o e estava saturado das noites sem pregar olho e dos fantasmas que não o largavam. Mudaria radicalmente de ramo e de pouso. Numa noite de Novembro de 1959 entrou na sala, inabalável. Nem as notícias políticas que lhe chegavam do país *isolado-mas-orgulhoso* o demoveram porque não estava a pensar meter-se em sarilhos e, que se soubesse, não havia forma (ainda) de lhe lerem os pensamentos. Olhou Leonor, seguro de si e dos outros pela primeira vez na vida. A decisão estava tomada. Regressariam a Vale das Sombras, a sua terra natal e de seu pai.

* * *

João Silveira era um homem esguio e devotado às coisas do espírito. Acreditava que as ideias são como filhas que crescem, mas não saem de casa nem procuram independência.

De ascendência inglesa, João Hewson Silveira era dono de um corpo elegante que a magreza dissimulava no rosto quadrado e angular, sorriso branco e brando, queixo saliente, mãos longas com dedos finos e vagos e uma ruga horizontal e profunda que dividia a sua testa em duas planícies demarcadas – uma pelos dias das recordações, dos regressos a casa, da sua Mariana... a outra... pelas noites intermináveis, os sonhos e todos os seus companheiros dessas viagens indizíveis.

João Silveira era um homem doce, com um brio tenaz, agarrado às suas convicções. Mas carregava um fardo secreto, uma culpa que o conduzia em direcção a um mundo imaginado socialmente *perfeito* e abarrotado de tarefas hercúleas.

O nascimento da filha viera amenizar a defesa da dignidade que o consumia, que lhe deslavava a cor escura do cabelo e lhe torcia a sua coluna, aproximando-o do chão ano após ano. Quando Mariana assimilou os ideais paternos, ambos puderam confrontar-se toda a vida com armas iguais, até descobrirem que afinal o que lhes corroía o tutano dos dias era o amor que, por exacerbado, se tornou doloroso.

* * *

Mariana não se dava com as meninas da sua idade, nem lhe chegavam os livros do carro itinerante que visitava Vale das Sombras de quando a quando... uma iniciativa destinada às terras mais isoladas e que o governo não conseguira impedir, no ainda *isolado-mas-orgulhoso* país...

Embrulhava-se em cobertores e nos livros do pai. Fre-

quentemente, ouvia passos vagarosos calcorreando o soalho de madeira da sala e os monólogos que ainda não compreendia.

Mariana, a *Silveirinha*, não gostava das histórias-de-amor-dos-filmes-felizes-para-sempre que as suas amigas Lurdes e Sãozinha tentavam replicar e quando entrou declaradamente na puberdade, desatou num berreiro colossal que tirou a vida ao canário por enfarte do miocárdio. As suas reacções provocavam as *perguntas mais descabidas*, vindas de bocas *peritas em proferir disparates*, como Lurdinhas: «Não sonhas casar um dia, Mariana? Ter filhos e educá-los de forma exemplar, como qualquer mulher deseja...?» Ou Sãozinha com os seus planos matrimoniais e os seus sonhos: «...um vestido comprido de renda branca... ou organza... tantas opções maravilhosas!».

Mariana encolhia os ombros. Abominava a picardia directa e estéril e optava pelas fugas de Beethoven no escritório do pai.

O Vale das Sombras é um romance de ficção que traça a história de amor entre Mariana Silveira e Luís Viriato, indelévelmente enlaçada à tempestade de libelinhas num lugar recôndito do país.

A história das suas vidas e das que os rodeiam. O amor e o desencontro, as ilusões, os desejos e as viagens pelo mundo e pela própria consciência de quem deambula por aí.

As memórias daquela terra acompanharão para sempre o percurso das personagens ao longo de anos, numa narrativa que atravessa gerações e acontecimentos marcantes.

O Vale das Sombras é, sobretudo, o retrato de uma travessia atribulada e por vezes dolorosa, cujo destino se cruza com a conquista da liberdade individual de cada um. Uma conquista, sem a qual, nenhum amor parece resistir.